

A cordialidade em *Raízes do Brasil*

JOÃO PEDRO BRAGA DE CARVALHO¹

Prolegômenos

Neste ano em específico, a celebração em razão do centenário da *Semana de Arte Moderna* nos fornece a oportunidade de destacar a relevante influência do movimento modernista para além do campo artístico. De fato, as décadas de 1920 e 1930 foram, também, palco de uma efervescência cultural e política no Brasil. Com efeito, se aqueles primeiros dez anos podem ser caracterizados pela “erupção constante de críticas e oposições à sociedade oligárquica”², o período ulterior é permeado por um intenso debate político resultante do vitorioso movimento revolucionário que uniu mineiros, paraibanos e gaúchos no intuito de conquistar novamente o país para si — ao menos até o golpe de 1937.

Neste instável contexto de reflexão nacional, o Brasil se coloca como um enigma a ser desvendado por sua intelectualidade. Havia naquele período um sentimento coletivo de necessidade de se explicar o próprio país, isto é, de definir o sentido da dita *brasilidade*, conceito axial para justificar a necessidade de desenvolvimento daquele Estado recém feito República. Não apenas nas artes, mas no *ensaísmo* acadêmico foi possível influenciar e formar gerações de brasileiros que refletiam sobre o que era sua nação e, mais além, quem eram eles mesmos.

Antônio Candido destaca, sobretudo, três obras que “parecem exprimir a mentalidade ligada ao sopro de radicalismo intelectual e análise social que eclodiu depois da Revolução de 1930 e não foi, apesar de tudo, abafado pelo Estado Novo.”³ São elas, *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre (1933); *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda (1936); e *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Júnior (1942).

Este ensaio pretende tratar do conceito de cordialidade presente na obra *Raízes do Brasil*, expressão de seu tempo e reflexo de seu autor, que retornou e se afastou da

¹ Bacharel em Ciências do Estado e doutorando em Direito, na área de estudos Filosofia do Estado e Cultura Jurídica, com bolsa CAPES, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Editor-Chefe Adjunto da Revista de Ciências do Estado e membro do Conselho Editorial da *Astrolábio*; Revista Internacional de Filosofia da Universitat de Barcelona. É membro do Grupo Internacional de Pesquisa em Cultura, História e Estado (UFMG-UB). Contato: joaopbc@ufmg.br

² AVELINO FILHO, George. As Raízes de "Raízes do Brasil". *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 1, n. 18, p. 35, set. 1987.

³ CÂNDIDO, Antônio. A Revolução de 1930 e a cultura. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 2, 4, p. 27-36, abril 84.

obra por diversas vezes ao longo da vida, alterando-a, remendando-a, mantendo-a e respeitando-a. Por não acreditarmos que seja possível entender a obra apartada daquele que a escreve, este breve texto tratará primeiramente da vida de Sérgio Buarque de Holanda e posteriormente tentará aclarar o significado daquilo que sói ser chamado de *cordialidade*.

Sérgio, intérprete do Brasil

Nascido na cidade de São Paulo nos primórdios do século XX, Sérgio Buarque de Holanda desde cedo foi um leitor ávido intensamente interessado nos campos de História e Literatura.⁴ Levando em conta que sua obra de maior sucesso foi publicada quando Sérgio completava apenas 34 anos, não é de se espantar que, ao fim da adolescência, o autor já era personagem conhecido da vida boêmia e cultural paulistana. A partir dos 19 anos, começara a vida no Rio de Janeiro, onde obteve em 1925 o grau de bacharel em Direito pela Universidade do Distrito Federal, foi na então capital federal que Buarque de Holanda representou a revista modernista — seja nos estudos, seja na boemia — que havia ajudado a fundar em São Paulo, a *Klaxon*. Em suas próprias palavras:

Nasci em 11 de julho de 1902, na ladeira de São Joaquim, bairro da Liberdade, número 11. Nunca quis ser menino prodígio, mas desde criança me contam um fato curioso: aprendi a ler sozinho, com 5 anos de idade. Eu já sabia as letras, e um dia, ao ver meu pai lendo o jornal, disse: "O Estado de S. Paulo". Foi a primeira coisa que li. Depois tive sarampo, coqueluche, escarlatina, caxumba, e felizmente sobrevivi a esses percalços da vida juvenil. Estudei na Escola Modelo Caetano de Campos, onde fiquei dois anos, e depois no Ginásio São Bento, onde fiquei mais seis. Então minha família se mudou para o Rio e tive que ir junto. Naturalmente, eu precisava encontrar um lugar para estudar, mas não havia uma faculdade de filosofia que eu pudesse fazer. A primeira que apareceu foi a do Distrito Federal, fundada pelo grande educador Anísio Teixeira em 1935, quando eu já estava formado havia dez anos. Por isso fui estudar direito. Não mudei com muita vontade para o Rio. Já tinha meu grupo em São Paulo e custei a me adaptar, mas logo fiz relações. Fiquei representando no Rio a revista Klaxon, fundada em São Paulo pelo movimento modernista.⁵

⁴ Há quem critique a forma quase natural que Sérgio Buarque de Holanda apresenta suas ideias em *Raízes do Brasil*, dando a impressão de que o gênio precoce que “muito jovem, já lia no original o Fausto de Goethe” teria intuído certas percepções sem apresentar nenhuma prova ou método científico. A esses neopositivistas fetichizados pelas análises quantitativas dos estadunidenses recomendamos: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. Além da excelente dissertação de mestrado: VIEIRA, Diego Vinícius. *Terra Brasília, ex corde*: política, cultura e estado nas octogenárias Raízes do Brasil. Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2016 (Dissertação, Mestrado em Direito).

⁵ BRUNO, Ernani da Silva. Corpo e Alma do Brasil: uma entrevista com Sérgio Buarque de Holanda. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 1, n. 69, p. 8. jul. 2004.

Em 1936, mesmo ano em que publicara *Raízes* e também se casara com Maria Amélia Buarque Alvin, esposa com a qual teve sete filhos e da qual nunca se separou, Sérgio Buarque de Holanda recebe de seu padrinho de casamento religioso, Prudente de Moraes Neto, o convite para trabalhar na Universidade do Distrito Federal, em que foi assistente na cadeira de *História Moderna*, à época ocupada pelo Professor Henri Hauser, um dos fundadores da famosa escola *Annales d'Histoire Économique et Sociale*.⁶

Participou de importantes movimentos políticos e acadêmicos ao longo da vida, tendo fundado a Associação Brasileira dos Escritores (1942), o movimento “Esquerda Democrática” e o Partido Socialista Brasileiro (1947). Já em 1948, de volta a São Paulo, assume a cátedra de *História Econômica do Brasil* da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. No início da década de 1950 acabou por ocupar a cátedra de *Estudos Brasileiros* da Universidade de Roma, não tendo sido esta sua única experiência em instituições de ensino estrangeiras; ao longo de sua carreira ele residiu em diversos países nos quais intensificou seus estudos. Logo em 1958 assume, por meio de concurso, a cátedra de *História da Civilização Brasileira* agora na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Interessante o relato acerca de sua atuação na USP:

Em 1956, aos cinquenta e quatro anos e já autor consagrado, Sergio Buarque de Holanda deixou a direção do Museu Paulista para assumir a cátedra de História do Brasil no Departamento de História da FFLCH. No apogeu de sua criatividade, trouxe para o meio acadêmico a vibração intelectual que acompanhava o seu temperamento alegre e expansivo. A sua chegada coincidiu com os últimos anos antes da ditadura militar, quando a Universidade florescia e as possibilidades se revelavam mais tangíveis. Pode-se afirmar que sua passagem pela USP foi um sintoma de amadurecimento da instituição e de abertura nas relações do meio universitário com a sociedade.⁷

Com atuação ativa e produção de relevo e impacto durante o resto da vida, Sérgio Buarque de Holanda foi um dos intelectuais mais importantes do Brasil do século XX e marcou a interpretação sobre seu país tanto do passado como para o futuro. No entanto, antes de prosseguirmos, faz-se justificável esclarecer, a partir do auxílio de Sandra Jatahy Pesavento, a influência recebida por Sérgio dos historiadores Leopold Von Ranke e Johann Gustav Droysen. A aproximação do autor de *Raízes do Brasil* da teoria do primeiro pode revelar ao leitor a intenção do estilo descritivo presente na obra:

⁶ Cf. NICODEMO, Thiago Lima. Sérgio Buarque de Holanda. In: PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln. *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 167.

⁷ Cf. DIAS, Maria Odila Leita da Silva. Sérgio Buarque de Holanda na USP. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 22, p. 269, set. 1994.

Sabemos de Leopold Von Ranke que advogava uma metodologia para o escrever da história que tratasse as fontes históricas com apurado rigor científico. O intuito de Ranke e daquela que seria sua corrente seria o de retratar os fatos tal como haveriam acontecido, de modo a transportar o leitor do texto para o ambiente que se busca retratar no passado.

A apresentação estrita dos fatos seria possível graças a um método que valorizava as fontes documentais, oficiais, método que esse consolidou um novo paradigma para a história. Ranke privilegiara o estudo do Estado, adotando postura de pretensa neutralidade diante da política.⁸

Por isso, para percorrer a metodologia apresentada por Ranke em determinado trabalho um autor deveria pesquisar documentos e arquivos históricos a fim de submetê-los a uma rigorosa e criteriosa análise com o objetivo de resgatar efetivamente a experiência do passado. “É como se a familiaridade com o emaranhado de acontecimentos do passado de que se ocupa tornasse o historiador uma testemunha ocular do passado.”⁹ Desse modo, é de se destacar a forma com que Sérgio Buarque de Holanda apresenta suas digressões e conseqüentes descrições do povo brasileiro, de modo a fazer com que cada leitor se identificasse nos cenários trazidos à tona pelo autor. Esse aspecto da obra de SHB foi muito bem traduzido por Sandra Jatahy Pesavento no conceito de *espaço no tempo*:

O historiador cria um tempo — o tempo histórico — só acessível pela imaginação. Mas, para isto, seu trabalho precisa apoiar-se no empírico, que lhe dá suporte, através das marcas de historicidade, situadas e datadas, como registros espaço-temporais que compõem o referencial de contingência a partir do qual ele construirá sua narrativa.

Para o historiador, trabalhar com o tempo implica referir-se ao *quando* e *onde*, premissas a partir das quais ele vai retratar o como de algo acontecido. O historiador constrói *lugares no tempo*, ou seja, *momentos de sentido em um espaço dado*.¹⁰

Ao contrário de Ranke, cujos pensamentos foram objeto de um artigo próprio, as marcas do pensamento de Droysen nos escritos de SBH não são explícitas. Por sua vez, o segundo se dedicou em estudar os problemas de teoria e metodologia da história, construindo uma concepção de que deveria haver fases a serem seguidas pelo historiador. Elucida Vinícius Balestra:

Para Droysen, o tempo e o espaço dos acontecimentos históricos só estariam disponíveis para nós em forma de *representações*. Os acontecimentos passados

⁸ BALESTRA, Vinícius. Somos modernos? Considerações sobre o Estado e a democracia brasileira a partir de Raízes do Brasil. *Redes: Revista Eletrônica Direito e Sociedade*, Canoas, v. 8, n. 2, p. 257-268, ago. 2020.

⁹ BALESTRA, Vinícius. Somos modernos? Considerações sobre o Estado e a democracia brasileira a partir de Raízes do Brasil. *Redes: Revista Eletrônica Direito e Sociedade*, Canoas, v. 8, n. 2, p. 257-268, ago. 2020.

¹⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Caligrafias do tempo: palimpsestos na escrita da história. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *Um historiador nas fronteiras: O Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: UFMG, 2005, p. 18.

seriam registrados em fontes, que seriam representações construídas em outra época. Ao historiador caberia, assim, ao interpretar as fontes, a tarefa de *elaborar representações sobre representações passadas*.

Essas representações construídas pelo historiador, no entanto, seriam bem elaboradas se seguissem um método de compreensão e investigação, que envolve buscar motivações, sentimentos, razões deixadas nessas fontes. Assim, a partir da análise das fontes, o historiador poderia tentar reproduzir o passado, mas sempre ciente de que o resgate desses acontecimentos é sempre uma possibilidade, não uma certeza.¹¹

Cumprido dizer, ainda, que SBH sofreu a influência do culturalismo alemão para além de Ranke e Droysen, tendo absorvido importantes conceitos também de Dilthey e Weber, o primeiro trazendo a noção de mutabilidade do tempo como formulação conceitual e o segundo a de *tipo ideal*.¹² Portanto, as análises que se seguem partem do pressuposto de que o autor de *Raízes do Brasil* tentou realizar “uma captação de significados históricos construídos no tempo, significados que ele narrou e apresentou por meio de uma narrativa de estilo ficcional.”¹³

Ex cordis

Ao conceito de *Homem Cordial* é dedicado todo um capítulo da obra *Raízes do Brasil*, esta que deixa ao longo das páginas anteriores uma seleção de categorias, oposições e contradições. Nesta parte do livro, o projeto principal consiste em desvendar o mistério da própria alma brasileira, o que chamaríamos de *espírito da brasilidade*.

Inicialmente, SBH resgata a tragédia de Sófocles, *Antígona*, para retratar o conflito entre a família e o Estado, na medida em que essa relação — da mesma forma que a disputa entre direito natural de Antígona e o direito positivo de Creonte — se daria de forma incompatível. Nas próprias palavras inaugurais:

¹¹ BALESTRA, Vinícius. Somos modernos? Considerações sobre o Estado e a democracia brasileira a partir de *Raízes do Brasil*. *Redes: Revista Eletrônica Direito e Sociedade*, Canoas, v. 8, n. 2, p. 257-268, ago. 2020.

¹² “O *tipo ideal* weberiano define-se por ser uma configuração conceitual-sociológica, pura e abstrata, que dá a ver unidades de sentido, que são gerais para um momento dado. É, porém, construído a partir da variabilidade de casos concretos, resgatados pela história. Mas, se os tipos ideais são conceitos puros e invariantes de um método cognitivo, todas as esferas da vida — política, psíquica, econômica, religiosa — seguem uma evolução própria, demarcadas por tempos diferentes de realização. Assim, Weber concilia as *multiplicidades e as descontinuidades* do tempo com a fixidez de tais conceitos, entendidos como construções abstratas, lógicas e precisas, que expressam *regularidades* observáveis na variabilidade das situações históricas. O tipo ideal é um instrumento conceitual para poder submeter a uma espécie de regra geral a variedade da experiência humana no tempo.” PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Caligrafias do tempo: palimpsestos na escrita da história*. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *Um historiador nas fronteiras: O Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: UFMG, 2005, p. 41.

¹³ BALESTRA, Vinícius. Somos modernos? Considerações sobre o Estado e a democracia brasileira a partir de *Raízes do Brasil*. *Redes: Revista Eletrônica Direito e Sociedade*, Canoas, v. 8, n. 2, p. 257-268, ago. 2020.

O Estado não é uma ampliação do círculo familiar e, ainda menos, uma integração de certos agrupamentos, de certas vontades particularistas, de que a família é o melhor exemplo. Não existe, entre o círculo familiar e o Estado, uma gradação, mas antes uma descontinuidade e até uma oposição.¹⁴

Com efeito, o Estado para SBH revela-se como uma sobreposição do geral sobre o particular, isto é, uma transgressão de fato da esfera familiar: apenas dessa forma o indivíduo se tornaria efetivamente cidadão.¹⁵ No entanto, a história brasileira parece não ter operado essa ruptura. Na verdade, pelo contrário, haveria na formação do funcionalismo público brasileiro uma explicação para o insustentável e evidente choque entre os princípios do funcionamento da ordem familiar e do Estado.

Sabe-se que os cursos de direito — à época concebidos como cursos de cultura geral direcionados para capacitação de uma elite política-intelectual que viria a reunir os atributos necessários para gerir o aparelho burocrático de um Estado-nação em emergência — passaram a produzir um corpo *patrimonial* de funcionários públicos.¹⁶ Isto ocorreria, de acordo com SBH, pois esses jovens sairiam de um ambiente familiar repleto de laços “demasiado estreitos, e não raro opressivos”¹⁷ que viriam a afetar sua atuação profissional ulterior.

É importante lembrar a influência de Max Weber, este que apresenta a seguinte percepção sobre o funcionário público:

O autêntico funcionário [...] não deve, segundo a sua vocação propriamente dita, fazer política, mas sim administrar de maneira *apartidária* antes de tudo [...]. *Sine ira et studio*, o funcionário público deve cumprir seu dever. Portanto, ele não deve fazer justamente aquilo que o político, o líder tanto quanto o seu séquito, sempre e necessariamente precisam fazer: *lutar*. Pois a tomada de partido, a luta, a paixão — *ira et studium* — são os elementos do político. [...] A honra do funcionário público aponta para a capacidade de, mesmo quando — apesar de suas representações — as autoridades que lhe são superiores insistem em uma ordem que lhe parece falsa, cumprir essa ordem de maneira tão consciente quanto exata sob responsabilidade daquele que comanda, como se ela correspondesse à sua própria convicção: sem essa disciplina e autodenegação éticas no sentido mais elevado do termo, todo o aparato se decomporia.¹⁸

¹⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 27 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 169.

¹⁵ VIEIRA, Diego Vinícius. *Terra Brasilia, ex corde*: política, cultura e estado nas octogenárias Raízes do Brasil. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2016 (Dissertação, Mestrado em Direito), p. 76.

¹⁶ Certa feita, já tratamos sobre a história da educação jurídica do Brasil: CARVALHO, João Pedro Braga de. *O que é Bacharelado em Ciências do Estado*; Dialética da Educação Jurídica do Brasil. Belo Horizonte: Dialética, 2023. [no prelo]

¹⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 27 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 173.

¹⁸ WEBER, Max. *Ciência e política*: duas vocações São Paulo: Martin Claret, 2015, p. 88.

A partir desse entendimento é que Sérgio Buarque de Holanda enxerga a terrível contradição da ética de fundo emotivo presente naquilo que deveria ser a burocracia brasileira.¹⁹ Para o autor, essas características presentes, devido à herança ibérica que formou além-mar uma cultura patriarcal, familiar e rural, foram responsáveis por subverter a então necessária divisão entre razão e emoção, público e privado, Estado e família.

Esse verdadeiro *ethos* que circunda a realidade da alma brasileira dará cor ao que Buarque de Holanda chamará de *cordialidade*. De maneira magistral, elucida este traço da brasilidade o mineiro José Carlos Reis:

No mundo social, nas relações exteriores à família, circula um homem cordial: hospitaleiro ou agressivo, amigável ou hostil, generoso ou mesquinho, amigo eterno ou inimigo terrível, dependendo de pequenos detalhes da relação pessoal. Esse tipo cordial, bem adaptado ao brasileiro neoportuguês, trata desconhecidos como se fossem irmãos, primos, agregados e até escravos... Seu comportamento social, objetivo, é afetivamente transbordante, subjetivo. A ele opõe-se o tipo cortês, ao qual os japoneses se adaptam melhor: ritualístico, polido, reverente, distante. O brasileiro é um antijaponês. O homem cordial quer ser íntimo, quer ser amigo, não quer ficar sozinho. Tem horror às distâncias e, se elas existem concretamente, ele simplesmente as abole. [...] Ele reivindica um superior “bacana”, “gente fina e boa”, simples e humilde, isto é, próximo e pessoal. Esse homem cordial está longe de aceitar uma ordem coletiva impessoal, legal. Ele é individualista, indisciplinado. Quando é intelectual, nutre-se de idéias contraditórias, acredita em todas e defende todas. Ele prefere as teorias mais sistemáticas, dogmáticas, que oferecem um ilusório repouso espiritual. A personalidade cordial está pronta para obedecer cegamente ao líder carismático, à ideia sistemática. Não importa se fala da realidade! Aliás, é até melhor que não fale. Ele está pronto a assimilar qualquer ideia, desde que exposta em uma relação cordial, isto é, de coração a coração, afetuosa ou agressivamente.²⁰

A etimologia da palavra *cordial* nos leva até suas raízes latinas em *cordis*, isto é, coração. Assim, o *Homem Cordial* é o homem que traz tudo para o coração, um sujeito avesso às relações impessoais, agindo por meio da emoção e não pela razão, suas atitudes são marcadas pela quebra de protocolo e desrespeito com os rituais. Esse indivíduo apresenta tendência a “explodir” emocionalmente, mas essa ruptura violenta da sociabilidade é camuflada pela cordialidade:

¹⁹ “Para o funcionário “patrimonial”, a própria gestão política apresenta-se como assunto de seu interesse particular; as funções, os empregos e os benefícios que deles auferem relacionam-se a direitos pessoais do funcionário e não a interesses objetivos, como sucede no verdadeiro Estado burocrático, em que prevalecem a especialização das funções e o esforço para se assegurarem garantias jurídicas aos cidadãos. A escolha dos homens que irão exercer funções públicas faz-se de acordo com a confiança pessoal que mereçam os candidatos, e muito menos de acordo com as suas capacidades próprias. Falta a tudo a ordenação impessoal que caracteriza a vida no Estado burocrático.” HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 27 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 175.

²⁰ REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil*: de Vanhargen a FHC. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, p. 156.

A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar “boas maneiras” civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante.²¹

A cordialidade, assim, representa, na verdade, uma aversão à sociabilidade, gerando dificuldades ao sujeito em lidar com rituais racionais como as leis e o Mercado. Entretanto, há quem confunda — como o faz rasamente Cassiano Ricardo — a cordialidade com a bondade ou com a amizade, gerando imprecisões na análise crítica que realiza SBH. A cordialidade está, assim, nas atitudes pessoalizadas, emotivas, tanto positivas, quanto negativas, o que permite que a inimizade e a maldade sejam também cordiais, porquanto guiadas por esse estranhamento ao convencionalismo e ao formalismo, porquanto guiadas pelo coração.

Há uma oposição, portanto, entre cordialidade e polidez. Se utilizando, até mesmo, de conceitos da psicanálise SBH entende que a cordialidade é o meio utilizado pelo sujeito que quer esconder-se de si mesmo na vida social, no exterior, no público. Ou seja, existiria uma aversão — ou uma vergonha — do próprio brasileiro frente à sua vida privada, marcada por violências, injustiças e sofrimentos, mas, com isso, para lograr suportar a presença desse incômodo “passado pessoal” compartilhado pelas raízes históricas nacionais, o brasileiro criara um *alterego da cordialidade* pelo qual opera suas relações interpessoais em todos os âmbitos da vida, isto é, da família ao Estado, gerando uma impossibilidade de diferenciação entre o privado e o público. Ao contrário estaria, por exemplo, o povo japonês, cujo aspecto definidor seria o da polidez. Esta, diferentemente da cordialidade, seria uma forma de se proteger do exterior, do público, através de rituais que impeçam que o interior seja afetado pelos, digamos, “perigos da sociabilidade”. Assim, o japonês, para manter-se no conforto de sua vida privada, se utiliza da polidez de modo a traçar um limite entre as diferentes esferas da vida, fazendo com que o desconforto quase angustiante do convívio público seja suprimido pela formalidade impessoal e racional.

Para fortalecer seus argumentos, SBH identifica traços da cultura brasileira que são resultantes da cordialidade, são eles a ocultação do nome familiar no trato social, o uso exacerbado do diminutivo e a pessoalidade das práticas religiosas. A respeito dessa

²¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 27 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 176.

última, o autor demonstra de que forma a concórdia subverte até mesmo os rituais sagrados da religiosidade:

Cada casa quer ter sua capela própria, onde os moradores se ajoelham ante o padroeiro e protetor. Cristo, Nossa Senhora e os santos já não aparecem como entes privilegiados e eximidos de qualquer sentimento humano. Todos, fidalgos e plebeus, querem estar em intimidade com as sagradas criaturas e o próprio Deus é um amigo familiar, doméstico e próximo — o oposto do Deus “palaciano”, a quem o cavaleiro, de joelhos, vai prestar sua homenagem, como a um senhor feudal. [...]

No Brasil, ao contrário, foi justamente o nosso culto sem obrigações e sem rigor, intimista e familiar, a que se poderia chamar, com alguma impropriedade, “democrático”, um culto que dispensava no fiel todo esforço, toda diligência, toda tirania sobre si mesmo, o que corrompeu, pela base, o nosso sentimento religioso.²²

Enfim, resgatando o conceito weberiano de *tipo ideal*, a cordialidade se revela como um exemplo deste na medida em que “se apresenta como um conceito forjado no tempo longo, configurado num contexto de permanência na história nacional.”²³ Sua temporalidade mostra-se longa, pois permanece no presente e mais: é perene na história nacional pois se insere no caráter como regra geral.

Considerações finais

Ao intentarmos traçar breves contornos tanto da vida de Sérgio Buarque de Holanda quanto do significado do conceito de *cordialidade*, talvez, à primeira vista, o leitor possa haver entendido a obra *Raízes do Brasil* como uma crítica negativa ao próprio *espírito de brasilidade*. Ao contrário, seguimos a tese de Diego Vieira, que não compreende a pretensão, por parte de SBH, de conferir fatalidade às nossas características. Na verdade,

O modo de agir cordial, legítima manifestação de nossos corações, permitiu-nos a miscigenação e o convívio de raças; permitiu-nos uma língua capaz de se adaptar aos influxos estrangeiristas, estimulando a convivência imigrante; legou-nos nosso celebrado sincretismo religioso, consolidando o amálgama dos muitos credos celebrados entre nós. Nossa cordialidade, portanto, não é apenas motivo de atraso [...]; é impulso plenamente capaz de amadurecer nossa empreitada enquanto nação, é, sobretudo, o traço cultural que nos une como povo.

Se, por um lado, o tom geral de *Raízes* é razoavelmente crítico à cultura brasileira e ao homem cordial, não se pode negar que este ensaio apresenta,

²² HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 27 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 179-180.

²³ BALESTRA, Vinícius. Somos modernos? Considerações sobre o Estado e a democracia brasileira a partir de *Raízes do Brasil*. *Redes: Revista Eletrônica Direito e Sociedade*, Canoas, v. 8, n. 2, p. 257-268, ago. 2020.

principalmente, para além dos motivos de nosso atraso, a esperança em superá-los.²⁴

A cordialidade, enquanto aspecto constituinte da brasilidade, deve, portanto, servir não de lamento, digamos, intergeracional, senão como aspecto pelo qual devemos ultrapassar e efetivar a tão esperada modernização brasileira. Assim, *Raízes do Brasil* é um apelo histórico:

Um apelo para que superemos nossa condição de mera civilização de raízes rurais e nos tornemos, efetivamente, uma potência inclusiva. Sérgio Buarque nos aponta, assim, a imperiosa necessidade de que a igualdade supere o personalismo, de que o patrimonialismo seja finalmente extirpado, permitindo-se a organização de um Estado Nacional que se eleve à prioridade do bem comum.²⁵

O diagnóstico realizado por Sérgio Buarque de Holanda segue atual e de urgente contemplação pelos brasileiros e pelas brasileiras, efetivamente a atualidade das reflexões prova que ele continua um clássico necessário para interpretar o Brasil. No entanto, o que fazer diante da consciência nacional é uma escolha da própria identidade coletiva que se autoconhece, por isso, há de se utilizar do conceito de cordialidade com o objetivo final de fortalecer o próprio país que a gerou, ou seja, com olhos para o futuro.

Referências

- AVELINO FILHO, George. As Raízes de "Raízes do Brasil". *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 1, n. 18, p. 35, set. 1987.
- BALESTRA, Vinícius. Somos modernos? Considerações sobre o Estado e a democracia brasileira a partir de Raízes do Brasil. *Redes: Revista Eletrônica Direito e Sociedade*, Canoas, v. 8, n. 2, p. 257-268, ago. 2020.
- BRUNO, Ernani da Silva. Corpo e Alma do Brasil: uma entrevista com Sérgio Buarque de Holanda. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 1, n. 69, p. 8. jul. 2004.
- CÂNDIDO, Antônio. A Revolução de 1930 e a cultura. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 2, 4, p. 27-36, abril 84.
- CARVALHO, João Pedro Braga de. *O que é Bacharelado em Ciências do Estado; Dialética da Educação Jurídica do Brasil*. Belo Horizonte: Dialética, 2023. [no prelo]
- DIAS, Maria Odila Leita da Silva. Sérgio Buarque de Holanda na USP. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 22, p. 269, set. 1994.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 27 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

²⁴ VIEIRA, Diego Vinícius. *Terra Brasilia, ex corde: política, cultura e estado nas octogenárias Raízes do Brasil*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2016 (Dissertação, Mestrado em Direito), p. 112.

²⁵ VIEIRA, Diego Vinícius. *Terra Brasilia, ex corde: política, cultura e estado nas octogenárias Raízes do Brasil*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2016 (Dissertação, Mestrado em Direito), p. 113.

- MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- NICODEMO, Thiago Lima. Sérgio Buarque de Holanda. In: PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln. *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Caligrafias do tempo: palimpsestos na escrita da história. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *Um historiador nas fronteiras: O Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil: de Vanhargen a FHC*. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- VIEIRA, Diego Vinícius. *Terra Brasilia, ex corde: política, cultura e estado nas octogenárias Raízes do Brasil*. Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2016 (Dissertação, Mestrado em Direito).
- WEBER, Max. *Ciência e política: duas vocações* São Paulo: Martin Claret, 2015.